

A Radiodifusão como Instrumento de Construção da Cidadania: 66 anos de Rádio Brasil Central¹

Francielly Oliveira Souza DUARTE²
Simone Antoniaci TUZZO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo trata do processo de construção e modificação que a comunicação radiofônica pode exercer em um espaço social a partir da conquista de sua audiência, tendo a Rádio Brasil Central de Goiás como objeto de estudo. Há 66 anos no ar, a trajetória desta emissora sempre contou com a participação dos ouvintes, tendo a utilidade pública como uma de suas características. Para a compreensão desta dinâmica, este estudo busca respaldo no jornalismo de serviço, nas peculiaridades da radiodifusão e no conceito de cidadania. A partir de uma análise do discurso crítica, é possível identificar na programação e no site da rádio os diversos casos em que o jornalismo de serviço adota a função de rearticulação da fala e do comportamento entre os serviços que deveriam ser prestados pelo Estado e os cidadãos desejantes de uma atuação que nem sempre é conseguida sem a interferência da mídia.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; radiodifusão; cidadania; Brasil Central.

Introdução

Antes de iniciar uma análise sobre os reflexos da comunicação produzida pela Rádio Brasil Central no público que a caracteriza, é necessário contextualizar as especificidades do veículo radiofônico e suas possibilidades de intervenção no meio social.

O poeta e ensaísta alemão Bertold Brecht, entre 1927 e 1932, produziu alguns ensaios – reunidos sob o título Teoria do Rádio (in BASSETS, 1981) - sobre a, até então, nova tecnologia radiofônica. Nesse conjunto de textos, ele destaca o importante papel e a potencialidade que este veículo possui.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Pós-graduanda da especialização Assessoria de Comunicação e Marketing da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: franosd@gmail.com

³ Pós-Doutora e Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMESP, Docente do PPGCOM e do Curso de Relações Públicas da UFG. Coordenadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia - da Universidade Federal de Goiás – UFG. Orientadora do Trabalho. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com:

É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio será o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. (BRECHT, in BASSETS, 1981:56 e 57)

Brecht (in BASSETS, 1981) foi um dos primeiros pensadores a entender essa mídia como um instrumento de democratização da comunicação, ou seja, com um dos deveres de se voltar ao interesse público. Uma das ideias defendidas pelo dramaturgo entra em exata consonância com uma das funções da Rádio Brasil Central enquanto veículo do estado de Goiás.

Nosso Governo tem a necessidade da atividade radiofônica da mesma forma que nossa administração da Justiça. Quando Governo ou Justiça se opõem a essa atividade radiofônica, é porque têm medo e não pertencem a tempos anteriores à invenção do rádio, ainda não anteriores à invenção da pólvora. Desconheço, tanto quanto vocês, as obrigações, por exemplo, do Chanceler; é tarefa do rádio explicá-las, mas parte dessas obrigações é constituída pelo fato de a autoridade suprema informar à Nação, regularmente, através do rádio, sobre sua atividade e a legitimidade de sua atuação. (BRECHT, in BASSETS, 1981)

Nas ondas da história

Ao se fazer um resgate histórico, o rádio surge como um dos primeiros veículos de comunicação de massa de grande alcance. A Revolução Industrial modificou drasticamente o modo de vida das pessoas, gerando um campo fértil para o início dos estudos da comunicação, uma vez que se percebeu que o processo comunicativo interferia na organização do trabalho coletivo da nova conjuntura urbana e na estruturação dos espaços econômicos. Dessa forma, assim como o estilo de vida e de produção se alterou pela mudança do homem rural para o homem urbano, a comunicação também sofreu mudanças, o que desencadeou estudos mais complexos. Temer (2013) elucida esse cenário que interliga o desenvolvimento da mídia em consonância ao desenvolvimento urbano advindo da Revolução Industrial.

O ponto seguinte é o desenvolvimento industrial, o que demandou uma nova organização social (a urbanização acelerada) e um novo tipo de trabalhador, em geral alfabetizado (para ler instruções), com maior mobilidade (com um menor vínculo com as suas comunidades, disponível

para mudar de acordo com as necessidades do parque industrial), e menos capaz de prover de forma celular as suas necessidades de subsistência. O resultado foram famílias menores, cidades inchadas, e o aumento no consumo de produtos industrializados. Este é o cenário do desenvolvimento da mídia no ocidente, que cresce atendendo aos desejos de consumo da mão de obra operária urbana e especializada, e abrindo espaço para a aceleração do consumo de bens, inclusive bens culturais. (TEMER, 2013, p. 65-66)

Assim como expõe o professor Esch (1997), no início do surgimento do rádio, época na qual os homens ainda se mostravam perplexos com a "mágica" da comunicação à distância que o novo meio propiciava, esse meio ainda apresentava uma programação indefinida (ESCH, 1997). Com o passar do tempo, a evolução do rádio foi notória e não só a programação como a atuação dos locutores se aprimoraram.

Desde que surgiu no Brasil, o rádio tem sido um personagem ativo de nosso processo histórico nos últimos setenta e três anos. Sua atuação como veículo de comunicação é marcada, mesmo nos momentos de crise, por um forte poder de adaptação como instituição que tem reproduzido as condições que marcam a construção e manutenção hegemônica. Isto permitiu que assumisse significados diversos, os quais incorporou, à medida que evoluía em consonância com as transformações vividas pela sociedade brasileira. (ESCH, 1997, p. 1-2)

As funções utilitárias e de lazer acompanham o rádio brasileiro desde sempre (SALOMÃO, 2003). A constante adaptação do meio radiofônico ao longo do tempo e as principais características que lhe são intrínsecas (especialmente a frequência AM) - como o imediatismo, a oralidade, a instantaneidade, o fácil acesso, dentre outras – garantiram sua ocupação em um espaço midiático permeado por funções que extrapolaram o entretenimento ou a mera divulgação de informações, encontrando uma identificação também com a utilidade pública e na construção de relações sociais com o grupo fidelizado.

Atualmente, o rádio é multifacetário. Ele é prestação de serviço, é informação, é entretenimento, é companhia para os solitários e é música. Contudo, ao buscar se aproximar do ouvinte, de seu cotidiano e de estabelecer uma comunicação direta, o rádio foi levado a incorporar em suas ações um forte sentido social, condensado no termo "Radio Social" que foi, nos anos 80, e que continua a ser na década atual, a marca que recompôs uma "personalidade" que caracteriza o rádio AM perante seus ouvintes. Uma personalidade formada sob o signo maior da solidariedade. (ESCH, 1997, p. 8)

Como meio que se remodela e consegue acompanhar as novas tecnologias e, por conseguinte, a contemporaneidade, a radiodifusão também participa do atual cenário de convergência tecnológica. Nélia Del Bianco (2012), afirma que o rádio nesse ambiente expandiu o dial e seu alcance passou a ser mundial (BIANCO, 2012). Para a pesquisadora, essa convergência ressignifica as interações com as mídias tradicionais, redefinindo as relações com seu público.

A convergência de mídia é entendida aqui mais do que uma mudança tecnológica. É um processo cultural a considerar que o fluxo de conteúdo que perpassa múltiplos suportes e mercados midiáticos e os consumidores migram de um comportamento de espectadores passivos para uma cultura mais participativa. (BIANCO, 2012, pg. 17).

Dessa forma, é perceptível que o rádio não só acompanhou as transformações sociais como também participou desse processo, sempre se adaptando aos novos cenários. Essa dinâmica é importante na proposta inicial de se estudar um veículo radiofônico específico, como no caso a Rádio Brasil Central, pois é por meio do histórico cultural e social que podemos traçar um estudo mais sistemático das interações que dado veículo promoveu e ainda promove, ao longo de sua trajetória. Entender o contexto histórico da sociedade e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa é necessário para se compreender, por sua vez, as influências que um veículo comunicacional exerce em um dado espaço social.

Frequências de longo alcance

O rádio é, portanto, objeto primeiro de análise sobre os efeitos sociais dos meios de comunicação, e mesmo com o advento de outros veículos e da constante reformulação do espaço midiático pelas novas tecnologias, a radiodifusão continua com seu público específico e fiel, atuando sempre na construção de uma dinâmica social caracterizada pela interatividade – ainda que a nível bem mais restrito que interatividade cibernética, por exemplo – com os indivíduos que já incorporaram esse meio em seus cotidianos. Pela proposta de compreensão sobre como a programação AM da Rádio Brasil Central atua, modificando o espaço social alcançado, há de se entender as características que desenham os programas e a recepção destes por esta frequência.

Esch (1997) destaca essa atuação da rádio AM a partir da década de 70, quando se fortaleceu essa aproximação do rádio com seu público. O veículo se tornou permeável à

participação direta do ouvinte nos programas, permitindo-lhe opinar, reclamar ou apresentar pedidos de toda ordem, alterou seus conteúdos, incorporando como sua referência maior, as questões do cotidiano popular (ESCH, 1997).

Raddatz (2011) define a rádio AM como “uma voz que chega ao fundo de uma estância ultrapassando obstáculos geográficos como cerros e montanhas”. Para ela, a proximidade com o cotidiano dos ouvintes, ainda que em uma qualidade de som inferior à FM, produz um impacto considerável na dinâmica das comunidades nas quais centra seu foco de audiência.

Ele cumpre sua função voltada principalmente para a informação e o serviço, mas fortalece sua trajetória pela afinidade com o ouvinte que nele se enxerga e se vê representado pela linguagem, pelas temáticas e pela possibilidade de ouvir seu nome, o nome do seu amigo, da localidade onde mora ou dos lugares que frequenta [...] Neste contexto, expressões como “peço que venha”, “estamos indo”, “prepare o gado”, “convida para carreira” consistem em práticas do cotidiano que reafirmam sentidos, conceitos e a práxis de uma comunidade no seu dia-a-dia. Assim, o rádio AM busca compreender a maneira como manifestações culturais individuais situam-se dentro do coletivo simbólico da cultura local e as formas como elas se apresentam como enunciados que circulam como produtos da informação. (RADDATZ, 2011, p. 1-2)

É nesse contexto que, de acordo com Esch (1997), “a rádio AM, ao procurar estabelecer perante seu público um novo modelo de programação que lhe desse novamente uma "personalidade", descobre os programas de variedades”. Essa aproximação e esse estímulo à participação dos ouvintes, que gera uma construção coletiva de intervenções na programação do universo radiofônico AM só é real pelas possibilidades e singularidades desta frequência.

Com uma linguagem simples, coloquial e utilizando a simpatia, alegria, o tom de informalidade e o poder de comunicação de seus apresentadores, os programas de variedades se apresentam como a possibilidade de refazer, sob outros referenciais, a relação do rádio AM com seus ouvintes. (ESCH, 1997, p. 5)

Rádio Brasil Central: Comunicando com o Mundo

Inaugurada em 03 de março de 1950 em Goiânia, a Rádio Brasil Central surgiu no contexto de uma capital relativamente recém criada, em um estado essencialmente agrícola, se tornando um marco na comunicação goiana. Inicialmente, foi no Consórcio de Empresas

de Radiodifusão e Notícias do Estado de Goiás, Cerne, que o complexo de comunicação se formou.

O escritor e jornalista Hélio Rocha descreve, em sua obra “Rádio Brasil Central – 60 anos no ar”, a implantação e trajetória da rádio ao longo dessas seis décadas. A Brasil Central foi a quarta emissora a ser implantada em Goiás, sendo antecedida pela Rádio Clube de Goiânia (1942), Carajá, de Anápolis (1945) e Xavantes, de Ipameri (1946).

A Rádio Brasil Central surgiu em um momento que se poderia definir como absolutamente certo, porque, em Goiás, as circunstâncias haviam amadurecido, criando uma situação para que uma emissora com a sua proposta moderna entrasse no ar. Há uma tese defendida pelo professor Emilson Marques, sobre a história do rádio em Goiás entre 1942 e 1950, que explica bem a formação desse cenário. Diz ele que, “aparentemente, as primeiras emissoras de rádio fundadas em Goiás passaram por duas fases na década de 1940, uma primeira fase em que as programações eram controladas diretamente pelo Estado, que foi do seu surgimento, em 1942, até o final de 1945, quando findou a Segunda Guerra Mundial, e uma segunda fase, que vai do início de 1946 ao fim desta década, demarcada, em sua expressão jurídica, pela queda do Estado Novo e predomínio do ‘capital comunicacional’”. (ROCHA, 2010, p.28)

Pela proximidade com a capital federal Brasília, Goiás tinha um importante papel estratégico, inclusive na comunicação. A Rádio Brasil Central atuou em lutas pela democracia como na campanha da legalidade e nas “Diretas Já”, além de ter sido a emissora pioneira no envolvimento com a causa da mudança da capital do País para o planalto goiano (ROCHA, 2010, p. 109).

Apesar de não ter sido a rádio pioneira em Goiás, a Rádio Brasil Central transformou profundamente o espaço da radiodifusão goiana ao romper o limite do local para o nacional e o internacional.

Durante mais de seis décadas, vários foram os programas veiculados, reformulados e extintos da Rádio Brasil Central. Essa rádio opera nas frequências 1270 kHz AM (Ondas Médias); 11815 kHz (Ondas Curtas) e 4985 (Ondas Tropicais). As ondas curtas e ondas tropicais possuem um longo alcance, chegando a todo o território nacional e também no mundo. Essa possibilidade técnica caracteriza a comunicação entre espaços geograficamente distantes, tornando a Brasil Central um instrumento de intermédio comunicacional entre diferentes comunidades.

Por meio do site Rádios ao Vivo é possível encontrar comentários de ouvintes de todo o Brasil e exterior, que se manifestam simpaticamente à programação AM, relatando

fatos pessoais e recordando, nostálgicamente, momentos em que a rádio, pelo seu longo alcance, os fizeram companhia além de ter sido útil pela transmissão de algum recado a familiares distantes. Para citar alguns exemplos, há registros da Bolívia, Irlanda, Paraíba, Ceará, Minas Gerais, Bahia, dentre outros.

Instrumento de cidadania

Para entender melhor o processo de construção da cidadania a partir dos reflexos da atuação de um meio comunicacional em um determinado público, como no caso estudado a Rádio Brasil Central, é mister compreender o significado desse conceito no âmbito proposto. Segundo Carvalho (2008, p. 220) “seria tolo achar que só há um caminho para a cidadania. A história mostra que não é assim”. Carvalho reafirma que entender o processo histórico brasileiro é imprescindível para uma análise sistemática sobre a cidadania nos dias atuais.

Início a discussão dizendo que o fenômeno da cidadania é complexo e historicamente definido. [...] O exercício de certos direitos, como a liberdade de pensamento e o voto, não gera automaticamente o gozo de outros, como a segurança e o emprego. O exercício do voto não garante a existência de governos atentos aos problemas básicos da população. Dito de outra maneira: a liberdade e a participação não levam automaticamente, ou rapidamente, à resolução de problemas sociais. Isto quer dizer que a cidadania inclui várias dimensões e que algumas podem estar presentes sem as outras. Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico. (CARVALHO, 2008, p. 8-9)

Mazzarino (2009) entende que o processo de democracia de massa em paralelo com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa se interrelacionam em um contexto de dominação do espaço público. Por isso, a mídia, ao se relacionar com a sociedade contemporânea, ela a modifica e a reestrutura.

O espaço político dominado pela mídia é, assim, um processo social e político aberto, que não é determinado pela mídia, mas por ela enquadrado e estruturado. A mídia funciona como um sistema integrado – os jornais relatam o evento e elaboram análises, a televisão digere e divulga, o rádio oferece a oportunidade de participação do ouvinte e de debate – que tem modificado a economia política dos meios de comunicação, redefinindo domínios como de propriedade, controle e poder político. Privatização e

concentração de empresas, transnacionalização e desregulação das comunicações têm ampliado e difundido a lógica mercantil das operações midiáticas, excluindo outras referências e outras normas. (MAZZARINO, 2009, p. 36)

Ao considerar uma dessas possíveis dimensões que a cidadania abrange, tomando como legítimo o direito à informação e à comunicação, o recorte proposto por este trabalho é iniciar uma reflexão sobre as modificações que a intervenção de um meio de comunicação específico pode promover em um espaço social, interagindo com o mesmo.

Neste sentido, o rádio, especialmente a frequência AM, é um dos meios que mais se aproximam do receptor, interagindo com as comunidades, atendendo suas demandas e reorganizando os espaços mediados.

O rádio AM, ao narrar o cotidiano dos seus ouvintes, experimenta o sentir dessa experiência e aproxima-se cada vez mais deles. Cria vínculos e fortalece tanto os enunciados de seus receptores como de si mesmo, ambos responsáveis pelos sentidos construídos no desenho dessa trajetória de referências comuns. O rádio AM, assim, elabora e reelabora as dimensões e os significados do cotidiano e da cultura local. É testemunha não só dos fatos, mas da própria história que ajuda a construir. (RADDATZ, 2011)

A voz de quem não pode falar

Ainda de acordo com Rocha (2010), em suas pesquisas documentais e de história oral, as rádios, especialmente a Rádio Brasil Central, destinavam parte de sua programação para informações de utilidade pública. Em entrevista, o então locutor Walter Pureza (ano) relatou como a rádio, ainda na década de 60, já havia conquistado um espaço no cotidiano de muitos ouvintes. Segundo ele, a Brasil Central recebia milhares de cartas diariamente, e o carinho dos ouvintes pela emissora era tão notório, que “era possível perceber que as casas, as rotinas das famílias funcionavam no ritmo da programação da rádio”. Pureza mencionou a quantidade de mensagens de serviço que eram veiculadas nos programas, como “Atenção, atenção! Seu José, aí da Fazenda Fogo do Mato, de Araguaína. Sua mulher avisa que chegou bem, já está na casa de sua cunhada e vai ao médico amanhã!”.

Temer (2015) relaciona o desdobramento desse jornalismo de serviço como um importante instrumento para a compreensão dessa tendência ao pós-jornalismo na contemporaneidade. Segundo ela, ainda que seja uma tendência, a informação utilitária não é dominante na hierarquia dos gêneros jornalísticos brasileiros.

As funções do jornalismo, outrora, delimitadas pelo sentido basilar de relatar e informar um vasto público; atualmente, nas defesas da corrente do pós-jornalismo, há uma busca pela reinvenção da prática social jornalística no século XXI, como um campo que, além de se limitar ao âmbito informativo, possa atuar como um prestador de serviço, cuja produção noticiosa deva ser útil para os cidadãos na tomada de decisões na vida cotidiana, promovendo a práxis pela comunicação de massa, garantindo um avanço na teoria democrática e ampliando o exercício da cidadania. (TEMER, 2015, p. 212)

A partir de uma análise do discurso da programação da rádio, e também do material disponibilizado no site da emissora, é possível destacar várias situações em que o jornalismo de serviço se coloca como possibilidade de desenvolvimento da cidadania, ou seja, momentos em que a mídia faz o papel de interlocutora entre a sociedade e o Estado. Mais que isso, num País onde os serviços públicos constitutivos da cidadania são precários, deficientes, a mídia entra como reorganizadora das falas e das funções. Tuzzo afirma que:

Se refletirmos sobre os quatro pilares de sustentação da sociedade anteriormente legitimados, por ela definidos como 4Ps (pai, professor, político, padre/pastor) representantes simbólicos da família, escola, Estado e igreja, veremos que a própria Igreja se apropria hoje de canais de televisão para que a voz do padre/pastor seja legitimada pela estética televisiva de reconhecimento de valorização e passe a ser utilizada pela sociedade muito mais porque adveio da televisão do que dos templos religiosos e com isso transformam os seus interlocutores em celebridades midiáticas, com reconhecimento de voz. (TUZZO, 2014, p. 164)

Assim, vemos que a mídia assume o lugar, no imaginário coletivo, de instâncias sociais antes sacramentadas, mas que hoje não possuem mais a mesma credibilidade.

Assim, quando a mídia assume a função de prestar um serviço, a sociedade se apropria desta possibilidade de conquistar aquilo que, teoricamente, já é seu direito, mas que, na prática, não está sendo realizado.

Instâncias sociais, como o Estado, por exemplo, se colocam numa condição de ser influenciada pela opinião pública a partir de denúncias e solicitações feitas pela mídia, e, para não abalar a reputação, acabam por realizar as solicitações dos cidadãos feitas a partir das vozes de propagação da mídia.

Outras vezes a própria mídia é responsável por resolver pequenas solicitações de receptores, ouvintes, apelando para a sociedade o auxíla com roupas, alimentos, remédios, itens que por benevolência, e por saber que muitas vezes o processo precisa ser ágil,

consegue ser resolvido entre a própria sociedade, mas que com a interferência da mídia, que, neste caso, serve como articuladora dos agentes solicitantes e doadores.

Como exemplo, entre as notícias de utilidade pública mais marcantes da Rádio Brasil Central, na memória do locutor Pureza, está o caso de uma senhora que sofria de uma doença degenerativa grave, cujo tratamento era feito com medicação vendida apenas nos Estados Unidos. Na época, ele comandava um programa de músicas, informações, curiosidades e correspondências intitulado *Terra do Tio Sam*, que era narrado em português com tradução simultânea para o inglês. “Ora, tão logo soubemos da situação daquela mulher, colhemos o nome do remédio e anunciamos que havia esta pessoa, idosa, que precisava do tal remédio. E qual não foi nossa surpresa quando o primeiro avião que chegou a São Paulo, trazia uma caixa daqueles remédios endereçada à Rádio Brasil Central? Foi algo indescritível”. (ROCHA, 2010, p. 121)

No site Rádios Ao Vivo, em que a programação da Rádio Brasil Central é veiculada ininterruptamente, é possível coletar mais histórias, dentre o espaço de comentários, em que a rádio participou ativamente da vida dos ouvintes. Ao se fazer uma primeira análise sobre esse conteúdo, é ainda perceptível como a rádio se tornou referência para a atual geração pela fidelidade à emissora da geração passada, formando memórias nostálgicas e fraternas, o que perpetua esse vínculo.

Mesmo hoje, essa característica de ser um meio de comunicação para se comunicar com os seus é presente entre os ouvintes da Rádio Brasil Central. Programas como o matutino *Fala Goiás*, o *Show da Tarde!* ou o *Brasil Sertanejo*, todos transmitidos pela frequência 1270 AM diariamente, recebem cartas e ligações de ouvintes – especialmente da zona rural, cuja comunicação com a capital é mais restrita – que repassam recados para familiares e amigos distantes, pois sabem que estão sintonizados nesta emissora.

Conclusão

Salomão (2003) retrata essa constituição de uma comunidade ao redor do rádio, estabelecendo uma conexão por reconhecimento. Para ele, os múltiplos contratos que se estabelecem faz com que os ouvintes não só busquem experiências diversas por meio de mensagens, como se sintam integrados ao mundo, e que, além disso, haja um *start* no imaginário de cada um.

A imagem do rádio como companheiro e amigo revela, antes, que o veículo consegue estabelecer com o receptor contratos que têm ingredientes (cláusulas) a mais que o jornal ou a própria televisão. Relações marcadas pelo carinho, fidelidade e agradecimento. [...] O rádio é um convite permanente à imaginação, ao envolvimento e, mesmo, à cumplicidade na realização do processo enunciativo. (SALOMÃO, 2003, p. 26)

É ainda nesse universo que Tuzzo (2016) debate o rádio como um elemento constante nas transformações sociais pela proximidade que o veículo conquistou na vida das pessoas. Ele seria um instrumento amigo e presente, independente do lugar ou da situação.

O rádio é companheiro, amigo, fonte de informação, meio de comunicação, entretenimento; para muitas pessoas único, para outras complemento... Enfim, o rádio é. O rádio está em casa, nas ruas, nas praças, nos escritórios, nos meios de transporte como automóvel e ônibus; o rádio está nas escolas, nas casas luxuosas, nas moradias populares, no centro e na periferia, o rádio está no comércio, nos shopping centers e na indústria... Enfim, o rádio está! (TUZZO, 2016, p. 100)

Neste contexto, ao articular interesses do público a que se destina, seja cedendo espaço para estabelecer comunicação entre indivíduos geograficamente isolados ou, principalmente, suprimindo necessidades básicas essencialmente de dever de entes governamentais, a Rádio Brasil Central se transfigura de um sistema de mera informação e entretenimento para um instrumento de reestruturação de espaços sociais, se remodelando como projeção de cidadania nas relações em que participa.

A proposta de iniciar um estudo mais sistemático sobre essas influências e modificações que a Rádio Brasil Central exerce em determinadas comunidades configura um espaço que ainda requer vasta pesquisa, e este trabalho não pretende esgotá-la. Entretanto, é legítima essa primeira análise que reconhece esta emissora como construtora de um espaço democrático na perspectiva de atender interesses individuais, que a âmbito geral, se tornam também coletivos. Assim como define Temer (2015), o jornalismo de serviço é também conceituado como gênero utilitário, jornalismo utilitário, jornalismo de bem-estar ou social, por ser capaz de atender as necessidades da sociedade, por ter um caráter utilitarista para o leitor.

É real, portanto, a legitimidade dessa relação de construção solidária quando a Rádio Brasil Central desempenha o papel de interventora de comportamentos nos espaços já conquistados. O próximo passo, para a continuidade dos estudos, é mapear os principais

programas da grade que, na atualidade, mais se destacam nessa função social, além da identificação dos locais em que mais se concentram essa audiência e quais deles mais aproveitam esse jornalismo de serviço.

REFERÊNCIAS

BIANCO, Nélia Del (Org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo, Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

BRECHT, Bertold. Teoría de la Radio (1927-1932). In: BASSETS, Lluís (ed.). De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 11ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ESCH, Carlos Eduardo. **Do passado ao presente: o rádio e seus comunicadores ganhando novos significados**. Intercom - São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1997.

MAZZARINO, Jane M. **A cidadania da escuta - os ouvintes como produtores do sentido, inseridos no processo comunicacional mediado pelo rádio - um estudo de caso do programa 'Acorda Rio Grande', da Rádio Independente de Lajeado/RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) UNISINOS, 2001.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Rádio AM “avisa”: uma expressão da cultura local**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia - Unicentro, Guarapuava-PR 28/04 a 30/04/2011.

ROCHA, Hélio. **Rádio Brasil Central 60 anos no ar**. Goiânia: Kelps, 2010.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Abordagens Teóricas da Comunicação Contemporânea - Nada será como antes: anotações sobre as novas abordagens teóricas da Comunicação. In: TUZZO Simone Antoniacci; TEMER Ana Carolina Rocha Pessoa (org.). **Assessoria de comunicação e marketing**. Goiânia: FACOMB/UFG, 2013.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Jornalismo de Serviço: um aporte teórico em construção**. Comunicação e Informação, Goiânia, GO, v. 18, n. 1, p. 208-225, jan./jun. 2015 Caderno Casadinho Procad UFG – UFRJ.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Os sentidos do impresso**. Livro 5 da Coleção Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

_____. O lado sub da cidadania partir de uma leitura crítica da mídia. In: PAIVA, Raquel; TUZZO, Simone Antoniacci (Orgs.). **Comunidade, mídia e cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje**. Livro 2 da Coleção Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia. Goiânia: FIC/UFG, 2014. p. 151-180.